

SILENCIAMENTO DE SENTIDOS: ANÁLISE DE “O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO”¹

Marilane Mendes Cascaes da Rosa²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo verificar de que forma textos utilizados em sala de aula abordam o tema trabalho, ver os silenciamentos de sentido e prestar uma homenagem ao grande educador Ingo Voese. Para desenvolver a pesquisa, buscou-se auxílio, especialmente, nas teorias de Bakhtin (1992, 1997, 1998) e Thompson (1995). Para listar os silenciamentos, apoiou-se em Cotrim (1993), Voese (2003), Cavalcante (2002), Zozzoli (2002) e outros. A reflexão ocupou-se dos possíveis efeitos que os silenciamentos podem produzir na sala de aula, ou seja, a hipótese sustenta que o que o texto não diz, mas que poderia ser dito, prejudica a formação de uma consciência crítica.

Palavras-chave: Discurso. Silenciamento. Educação.

INTRODUÇÃO

...que as palavras não sejam mais ocas. Que não se esconda com o verbalismo o vazio do pensamento; com o formalismo, a mentira da incompetência; e com o beletrismo, o cinismo da descrença... (Pierre Furter)

Antes mesmo que a educação formal se consolidasse em 1757³, era de interesse da elite social que o povo não tivesse acesso a ela, pois quanto mais ignorante ele fosse, melhor seria para manipulá-lo. Propunha-se que “o que é de lei é que o povo seja guiado e não seja instruído” (Arroyo apud Frigotto, 2000, p. 33). Hoje, embora as teorias postulem o contrário, a situação não é muito diferente. Muitas pessoas são privadas do conhecimento da realidade social e, além disso, aquelas que têm acesso à educação não são esclarecidas o suficiente para perceberem e agirem de forma crítica em relação a problemas que se originam na sociedade.

O homem não tem sido sujeito de sua história e vive cada vez mais assujeitado a uma sociedade alienante. E o meio para manter essa situação é um discurso pedagógico que não atua, especialmente, nas aulas de Língua Portuguesa, sobre o que pertence ao plano ideológico. Escapa, pois, em geral, à percepção tanto de professores como de alunos o fato de a ideologia silenciar os sentidos que não interessam ao grupo social a que ela se vincula. Assim, Voese, através de seus escritos, tentou mostrar aos educadores que é possível conceber os textos sobre uma outra perspectiva, sobre um outro olhar.

O discurso deve ser entendido como um acontecimento histórico-social e visto sempre numa relação dialógica, no entanto, o que se percebe é um ciclo monológico, pois é isso que importa ao grupo social hegemônico.

Freire (1980) sonha com uma educação libertadora e que desperte no homem a consciência e a auto-reflexão. A partir do momento em que isso acontecer, o homem será um agente crítico e transformador e os silenciamentos ideológicos das palavras proferidas serão compreendidos. Era esse, também, o sonho do Ingo. Sonhava com educadores conscientes de suas missões e que fossem capazes de mostrar aos educandos uma nova forma de ver os textos.

O silenciamento de sentidos, entendido como aquilo que o autor de um texto não diz, porque opta por uma ideologia, surge como uma questão fundamental a ser discutida na linguagem. Embora se tenha consciência de que sempre haverá sentidos silenciados em um texto, porque se faz escolha por uma ideologia e não outra, é necessário que, de alguma forma, esses silenciamentos sejam mostrados, porque, assim, o indivíduo poderá ter uma postura crítica diante do texto e, conseqüentemente, diante da realidade social.

O trabalho é fundante do ser humano. Hoje, porém, está cada vez mais difícil de encontrar trabalho, pois “o desemprego invade todos os níveis de todas as classes sociais, acarretando miséria, insegurança, sentimento de vergonha...” (Forrester, 1997, p. 125), o que quer dizer que existe uma dificuldade não só para o homem adulto, mas especialmente para o jovem que, na escola, busca preparar-se para a vida.

Se diante dessa sociedade caótica o trabalhador não sabe o que fazer e sente-se ameaçado, mas não tem consciência do que realmente acontece à sua volta, é porque, em algum momento do processo educativo, a escola falhou. Isso acontece porque a escola tem se apoiado em:

objetivos que resultam do olhar equivocado que vê o homem apenas como uma particularidade que precisa encontrar meios de sobrevivência num mercado cada vez mais restritor e exigente, como se esse fosse o traço mais importante da genericidade humana. Isto é: a “socialização” que subjaz à proposta da escola, reduz o homem a ser apenas mão de obra, pois, ao preparar o indivíduo para o mercado do trabalho, a tarefa se resume em dar-lhe uma certa competência para a disputa pela sobrevivência (VOESE, 2003, p. 28).

Em outros termos, as escolas em geral, na figura do professor, abordam o texto como se ele pudesse ter só um sentido e que poderia responder a todas as questões que um tema pode levantar. E isso deve ser visto como suspeito: há omissão quanto ao que o texto não diz, ou seja, silencia. Desse modo, o aluno passa a ver somente aquilo que o professor quer que ele veja, privando-o de perceber outros sentidos. Então, estudar os silenciamentos de sentidos nos textos é extremamente importante, pois, a partir desse conhecimento, alunos e professores lançarão sobre o texto um novo olhar. Quer-se que vejam um tema como, por exemplo, o trabalho sob diferentes óticas, porque os textos estão repletos de sentidos e veiculam diferentes discursos e ideologias. Percebendo-se os silenciamentos, os envolvidos no processo educacional verão que os textos são muito mais do que aquilo que já está dito.

Para que o homem viva de forma digna, além do alimento, ele necessita, também, desenvolver-se socialmente e a partir daí exercer sua autonomia. Por isso, justifica-se a importância de uma escola e, conseqüentemente, de um ensino que estejam voltados ao desenvolvimento de um cidadão inserido à sociedade, não apenas como uma mão-de-obra, mas como sujeito.

Para Freire (1980), o caminho para a mudança é o da educação, porque quando houver sujeitos conscientes de seu papel, com certeza, um novo rumo será traçado à sociedade. Para que essa idéia possa ser alcançada, é necessário, contudo, que, desde cedo, os educandos tenham uma postura ativa diante dos conhecimentos apresentados através dos textos, por exemplo, e, para isso, a função do educador como mediador é primordial. Assim, não só, mas, principalmente, a aula de Língua Portuguesa deve ser um lugar privilegiado para a análise dos textos. A linguagem não pode mais ser concebida de modo reducionista, isto é:

entendendo a sua função como instrumento de comunicação, suporte do pensamento, espaço de atividades dos usuários, evento cultural ou acontecimento etc., sem tomar como referência o processo de desenvolvimento histórico do gênero humano, ficam excluídas importantes

questões sobre, especialmente, os efeitos que resultam do papel mediador que realiza o discurso (VOESE, 2003, p. 26).

Constata-se, pois, que a linguagem é de extrema relevância e de que sua função está além de instrumento de comunicação.

Voese me fez ver e ter uma nova relação com os textos. Aprendi com este grande homem muitos ensinamentos. Além do conhecimento que me passou e das suas contribuições teóricas, pude perceber neste educador o carinho, a paciência e, principalmente, a humildade. Diante de tantos saberes que possuía, em nenhum momento, mostrou-se arrogante e dono da verdade, mas alguém com quem pude compartilhar meus pequenos conhecimentos. Estava sempre disposto a ajudar e não media esforços para isso. Sinto que todos nós perdemos muito com a sua partida, todavia sempre será lembrado, porque ficará para sempre em nossos memórias a pessoa maravilhosa que foi. Não está mais aqui o seu corpo, porém sua alma estará presente através de tudo aquilo que construiu e que nos deixou de presente. Falar dele é muito difícil, pois traduzir com palavras tudo que ele foi é quase impossível.

O texto analisado, a seguir, é apenas uma das análises que realizamos juntos.

1 TEXTO SOBRE O TRABALHO QUE CIRCULA NA SALA DE AULA

1.1 A VOZ DA RUPTURA

O operário em construção⁴

Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia

Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava
Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia...
Mas fosse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse, eventualmente
Um operário em construção.
Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
Garrafa, prato, facão –
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção
Olhou em torno: gamela
Banco, enxada, caldeirão
Vidro, parede, janela

Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão.
Pois além do que sabia
Exercer a profissão
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
 Que todos admirava:
 O que o operário dizia
 Outro operário escutava.
 E foi assim que o operário
 Do edifício em construção
 Que sempre dizia sim
 Começou a dizer não.
 E aprendeu a notar coisas
 A que não dava atenção:
 Notou que sua marmita
 Era o prato do patrão
 Que sua cerveja preta
 Era o uísque do patrão
 Que seu macacão de zuarte
 Era o terno do patrão
 Que o casebre onde morava
 Era a mansão do patrão
 Que seus dois pés andarilhos
 Eram as rodas do patrão
 Que a dureza do seu dia
 Era a noite do patrão
 Que sua imensa fadiga
 Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
 E o operário fez-se forte
 Na sua resolução.

.....

(Moraes apud Negrinho, Vol IV, 1998.)

No texto, “O operário em construção”, Vinícius de Moraes desconstrói uma imagem que as pessoas têm a respeito do operário, um profissional sempre visto como simples e sem valor. Num primeiro momento, o próprio operário do texto não reconhece a grandiosidade daquilo que ele exerce.

Muitos são os empregados que não têm consciência do trabalho que desempenham. Desconhecem o papel que exercem dentro do universo do trabalho, porque o que conta para eles é apenas o salário que vão receber (mesmo que seja uma miséria) e não o que fazem. São capazes de trabalhar por qualquer preço para não passarem fome e não deixarem seus filhos morrerem. Assim, vendo a necessidade, submetem-se às ordens daqueles que mandam e os exploram.

Segundo Dowbor, é preocupante o número de trabalhadores com baixa escolaridade. Talvez, resida aí a desvalorização, pois a sociedade, de maneira geral, reconhece como importante aqueles trabalhos que exigem conhecimento formal, aquele conhecimento adquirido na escola.

[...] entre os 72 milhões efetivamente ocupados, temos sólidos 40% de trabalhadores com baixíssima escolaridade e um bom número de trabalhadores pouco produtivos por desnutrição e outros fenômenos característicos do subdesenvolvimento[...] (2002, p. 23).

O trabalho perdeu sua função primeira, virou uma obrigação e o capitalismo contribuiu muito para isso, pois, hoje, trabalha-se buscando mais o dinheiro do que a satisfação pessoal. Logo, o homem vende o seu trabalho e a si mesmo para obter o tão almejado capital. Marx (apud Duarte, 1999, p. 171) diz:

enquanto o trabalho é trabalho assalariado e sua finalidade é imediatamente o dinheiro, a riqueza em geral é **posta** como seu objeto e finalidade. (...) O dinheiro como finalidade converte-se aqui no meio da laboriosidade universal. A riqueza universal é produzida com a finalidade de obter-se a posse de seu representante. De tal modo se abrem as fontes reais da riqueza. Porque ao ser a finalidade do trabalho não um produto particular que está em uma relação particular com as necessidades particulares do indivíduo, mas sim o dinheiro, ou seja, a riqueza em sua forma universal, a laboriosidade do indivíduo passa a não ter nenhum limite; é agora indiferente a qualquer particularidade e assume qualquer forma que sirva para esse fim.

Percebe-se que o indivíduo torna-se um ser alienado, porque o que lhe interessa é o dinheiro. Deixa de pensar na relevância do seu trabalho, pois o que importa é o que ele recebe, mesmo que para isso precise sacrificar outras pessoas ou a ele mesmo. O homem não vê mais nem os limites e nem os outros, pois a ele só interessa o capital. Uma sociedade assim é excludente, porque nem todos conseguem competir de igual para igual.

No recorte abaixo, o autor utiliza-se das comparações e tenta mostrar o quanto é significativa a tarefa de um operário, embora o personagem, em geral, não se dê conta disso. Tudo é transformado pelas mãos do operário, mas, infelizmente, ele não tem consciência da sua importância. O que podia ser a sua liberdade, torna-se prisão e o trabalho vira uma obrigação, algo que serve, simplesmente, como meio de subsistência.

Era ele que erguia casas
 Onde antes só havia chão.
 Como um pássaro sem asas
 Ele subia com as casas
 Que lhe brotavam da mão.
 Mas tudo desconhecia
 De sua grande missão:
 Não sabia, por exemplo
 Que a casa de um homem é um templo
 Um templo sem religião
 Como tampouco sabia
 Que a casa que ele fazia
 Sendo a sua liberdade
 Era a sua escravidão.

Nesse recorte, percebe-se que o indivíduo não se reconhece como produtor de sua história. Confirma-se esse argumento com o verso “mas tudo desconhecia”. Desse modo, retiram-lhe a consciência do valor do produto por ele construído. Aqui, o operário é um “ninguém”, simplesmente faz o trabalho mecanicamente, sem se dar conta do valor do que realiza e do seu papel de cidadão.

O recorte revela que o indivíduo não consegue perceber as transformações que opera, pois está fortemente determinado pela ideologia e essa não o deixa enxergar aquilo que realiza. Segundo Fairclough:

(...) as ideologias são significações/ construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/ sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (2001, p. 117).

Confirma-se, pois, o quanto o trabalhador, em geral, pode ser dominado pela ideologia, o que, no entanto, não significa que o processo vai se perpetuar. O indivíduo poderá superar a dominação e, dessa forma, transcender a ideologia. Para que passe a ter consciência, o operário precisa, primeiramente, travar uma luta consigo mesmo e, posteriormente, deixar de aceitar as imposições da sociedade. E um dos pontos de partida pode ser a avaliação e a comparação dos valores de diferentes produtos:

De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava
Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia...
Mas fosse comer tijolo!

O operário não compreende que seu trabalho era tão importante como qualquer outro. Pelo contrário, as avaliações que faz passam apenas pelo que cada atividade significa para o imediato da sobrevivência, isto é, enquanto o pão mantém o trabalhador em ação, o tijolo da construção, para ele, é apenas um produto do qual ele não pode tirar proveito imediato. A falta de consciência não permite que ele enxergue a dominação e o seu assujeitamento. Antunes (2003b) diz que, para solucionar esse problema do querer sempre mais por parte daqueles que mandam, dessa ambição que toma conta do mundo, é necessário que a lógica da produção societal esteja voltada para produzir valores de uso e não valores de troca. A sociedade necessita produzir coisas úteis e não supérfluos. Se isso ocorrer o homem terá mais tempo livre e poderá desfrutar da vida. Passará a viver como gente e não como máquina.

Vinícius, ao falar do trabalho do operário, diz:

E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:

Prisão de que sofreria
 Não fosse, eventualmente
 Um operário em construção.

O indivíduo está aprisionado à falta de consciência do valor de seu trabalho. Por ser um operário em “construção”, pode, contudo, romper essa prisão e tomar consciência do seu papel. Assim sendo, por mais assujeitado que esteja, pode o homem vir a ter consciência, pois, o construir-se é um processo que não se submete, necessariamente, a uma anulação permanente e definitiva.

No seguinte recorte, constata-se que o operário começa a despertar para o valor do trabalho que realiza: é o início da tomada de consciência.

Mas ele desconhecia
 Esse fato extraordinário:
 Que o operário faz a coisa
 E a coisa faz o operário.
 De forma que, certo dia
 À mesa, ao cortar o pão
 O operário foi tomado
 De uma súbita emoção
 Ao constatar assombrado
 Que tudo naquela mesa
 Garrafa, prato, facão –
 Era ele quem os fazia
 Ele, um humilde operário,
 Um operário em construção
 Olhou em torno: gamela
 Banco, enxada, caldeirão
 Vidro, parede, janela
 Casa, cidade, nação!
 Tudo, tudo o que existia
 Era ele quem o fazia
 Ele, um humilde operário
 Um operário que sabia exercer a profissão.

O operário começa a romper sua condição de assujeitado e passa a perceber a relevância de tudo aquilo que ele produz. Toma consciência de que assim como ele precisa do

resultado do trabalho, também quem o pagava precisava – “Que o operário faz a coisa/ E a coisa faz o operário”. Essa é uma tomada de consciência importante que a classe trabalhadora precisa operar. Os empregados não valorizam o que fazem e, conseqüentemente, não mudam o fato de serem desvalorizados pela sociedade.

Pouquíssimos são os operários que conseguem soltar as algemas da submissão, não porque não desejam, mas porque a ideologia não deixa e não quer que façam isso. Interessa à classe dominante da sociedade que seus operários sejam passivos, que não lutem pelos seus direitos e que não se reconheçam como cidadãos capazes e autônomos. Isso fica comprovado quando o operário se considera “um simples operário”.

A partir da tomada de consciência, contudo, as relações de dominação e de poder impostas pela ideologia dominante podem ser quebradas. Dessa forma, o trabalhador terá direito à voz e poderá fazer de seu discurso, um instrumento de transformação.

À medida que os indivíduos simplesmente e mecanicamente reproduzem tarefas, a história tenderá a se perpetuar em suas estruturas injustas e opressoras. O contrário também é verdadeiro, ou seja, um novo mundo e uma nova sociedade sempre nascem quando cidadãos tomam consciência dos seus papéis.

O recorte abaixo vem revelar um mundo novo para o operário e que o “simples operário” desconhecia:

Ah, homens de pensamento
 Não sabereis nunca o quanto
 Aquele humilde operário
 Soube naquele momento!
 Naquela casa vazia
 Que ele mesmo levantara
 Um mundo novo nascia
 De que sequer suspeitava.
 O operário emocionado
 Olhou sua própria mão
 Sua rude mão de operário
 De operário em construção
 E olhando bem para ela
 Teve um segundo a impressão
 De que não havia no mundo

Coisa que fosse mais bela.

Ao perceber a importância do seu papel e de tudo o que ele havia construído, o operário encanta-se com suas mãos, pois é através delas que tudo se constrói. Embora não tenha mãos belas – “sua rude mão de operário”-, magníficas coisas são criadas. A palavra “rude” remete ao trabalho árduo, àquele trabalho difícil, pesado e que deixa as mãos feridas, grossas e com calos. O operário acha as mãos belas não pelo que elas são em si, todavia por tudo aquilo que elas são capazes de criar.

A idéia da divisão social do trabalho, os que pensam e os que fazem, surge no recorte seguinte:

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão.
Pois além do que sabia
Exercer a profissão
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

O operário passa a compreender que, além da força de sua ação, exercida como profissional braçal, também possui a força de seu pensamento. Se antes apenas os outros pensavam o trabalho, agora, o operário, em crescente construção, também reconhece em si esta capacidade. O que se diz na poesia pode ser visto como o ato de pensar um novo mundo, um mundo utópico, um mundo que permita ao operário sonhar. Sonhar com condições dignificantes e não humilhantes.

Na penúltima estrofe, observa-se que o autor faz prevalecer que o diálogo entre iguais abre caminho para uma revolução no mundo do trabalho.

E um fato novo se viu
 Que todos admiravam:
 O que o operário dizia
 Outro operário escutava.
 E foi assim que o operário
 Do edifício em construção
 Que sempre dizia sim
 Começou a dizer não.
 E aprendeu a notar coisas
 A que não dava atenção:
 Notou que sua marmita
 Era o prato do patrão
 Que sua cerveja preta
 Era o uísque do patrão
 Que seu macacão de zuarte
 Era o terno do patrão
 Que o casebre onde morava
 Era a mansão do patrão
 Que seus dois pés andarilhos
 Eram as rodas do patrão
 Que sua imensa fadiga
 Era amiga do patrão.

A organização dos operários remete à teoria marxista a qual conclamava a união do proletariado. Assim, os operários romperiam com uma ideologia que busca sempre o consenso social sobre os valores dos diferentes trabalhos. O operário rompe o silêncio - “Que sempre dizia sim/ Começou a dizer não” - , porque percebe que tudo que produz lhe é retirado para tornar-se riqueza e poder nas mãos de quem o oprime. Fica evidente, nesse fragmento, os contrastes entre o operário e o patrão: este tem o melhor e aquele tem o que pode.

Ao dizer “Não!”, tudo pode mudar na vida do operário, porque agora ele tem consciência do seu trabalho.

E o operário disse: Não!
 E o operário fez-se forte
 Na sua resolução.

Dizer não é difícil, principalmente, quando se vive num mundo com trabalho escasso. Tornar isso uma prática é um desafio para que o operário possa valorizar o que faz e lutar por condições mais dignas no trabalho.

1.2 SILENCIAMENTO DOS SILENCIAMENTOS

O cotejo é um procedimento proposto por Bakhtin (1992) para a compreensão de um texto, ou seja, para se perceber não só o que se diz, mas também o que se silencia. Para isso, é preciso operacionalizar o que Bakhtin chama de dialogia, princípio fundamental para se compreender a linguagem como um processo, como uma interação das forças vivas presentes na sociedade e não apenas como meio de comunicação. Através do cotejo, os textos dialogam, interagem entre si e, desse modo, “o diálogo aparece, então, como a forma primeira de fala, mediador na qualidade de estímulo externo e reversível, na medida em que se interioriza e vai desenvolvendo aos poucos a consciência do mundo e a consciência de si” (Proposta Curricular, 1998, p. 59). Isso significa que o sujeito só se constrói e se constitui na interação com outros sujeitos, logo “o eu humano, por analogia, não tem existência independente; depende do meio ambiente social, que estimula sua capacidade de mudança e resposta” (Stam, 1992, p. 17).

1.2.1 CONTEXTO DE UTILIZAÇÃO DO TEXTO: o silenciamento do não-dito

Ao analisar as atividades realizadas com o texto de Vinícius de Moraes, constata-se que as mesmas, por silenciarem a dimensão polifônica e dialógica do texto, dificultam a construção de uma consciência crítica e transformadora por parte dos alunos.

As atividades envolvendo o texto “O operário em construção” mostram ao aluno simplesmente o que ele já sabe. Algumas das questões feitas são de assinalar, fazendo com que o aluno não reflita muito, pois uma daquelas será a resposta.

1) A melhor explicação para o título do poema, de acordo com o tema, é a que afirma que o operário:

- a) constrói casas com seu trabalho digno e sempre se mostrou politizado;
- b) é um homem digno que se faz sozinho, por isso se torna explorado;
- c) constrói casas e se constrói como um ser conscientizado;
- d) não passa de um escravo de seu trabalho e de seu patrão (Negrinho, 1998, p. 125).

Há, também, perguntas subjetivas, todavia não exigem grande esforço dos educandos para que possam respondê-las:

- 1) No texto, o operário se conscientizou de quê? Por que ele se conscientizou?
- 2) O que significa o verso: “Começou a dizer não”? (idem, ibidem, p. 126).

Nesse livro, utilizado na oitava série do Ensino Fundamental, pede-se, ainda, que o aluno produza um texto dissertativo e a atividade é intitulada “Vamos escrever livremente”:

O operário faz a coisa e a coisa faz o operário”. Escreva uma dissertação sobre essa relação de reciprocidade homem/ trabalho. Procure destacar a importância do homem como realizador do trabalho, como quem cria ou faz as coisas. E pense também sobre como o trabalho possibilita ao homem realizar-se enquanto homem, como permite-lhe expressar-se, abrir-se para o mundo (NEGRINHO, 1998, p. 127).

Percebe-se que o contexto de utilização do texto serve para confirmar os silenciamentos presentes não só no texto analisado como também nas atividades desenvolvidas.

2. SILENCIAMENTOS

No texto “O Operário em Construção”, o autor parece revelar um modo de construção de uma ruptura através de um despertar de consciência. O “não” proferido pelo operário é o início de uma tomada de consciência. Diante, porém, do que revela Antunes (2003b) quando fala dos mecanismos e procedimentos de controle que os donos do capital organizam para ganhar riqueza, poder e dominar os trabalhadores, o texto silencia:

- a) como e através de que tipo de meios se desenvolve uma consciência;
- b) como podem consciências desenvolvidas alterar um sistema social cuja força ideológica de manipulação e de dominação é descomunal, especialmente porque a questão do trabalho mexe com a sobrevivência;

- c) que só dizer “Não”, não é suficiente para atuar diante dos esquemas da legislação trabalhista e da força da ideologia;
- d) embora o operário ainda produza muitas coisas, seu espaço tem sido ocupado, cada dia mais, pelas máquinas, desse modo, “a crescente automatização tecnológica da produção vem suprimindo diversas tarefas rotineiras, antes desempenhadas pelos trabalhadores” (Cotrim, 1993, p. 36);
- e) o que acontece a um operário, quando esse diz “não” ao seu patrão;
- f) que o diálogo entre os operários, para construir uma nova sociedade do trabalho, não é tão simples e fácil, porque um disputa o espaço do outro num mercado de pouco trabalho;
- g) o medo dos outros operários perderem seus trabalhos, quando se tem um companheiro que vai contra o que o patrão impõe, conseqüentemente, haverá discriminação e o operário sentir-se-á excluído;
- h) o descomprometimento de uma classe que não luta ou exige pouco seus direitos.

Considerando que qualquer discurso, por ser ideológico, silencia determinados sentidos, o cotejo de textos possibilita fazer a compreensão desse processo e, conseqüentemente, como entende Bakhtin (1992), fazer um julgamento do que é dito. E o que é dito, ao silenciar idéias e fatos, cria dificuldades para que a situação de um trabalhador se modifique. Isto é: um julgamento do que é dito envolve também avaliar o que é silenciado e o que esse silenciamento pode produzir como efeito na vida dos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sonho de um amanhã melhor, sem dúvida, passa pelo processo educacional que, infelizmente, não tem sido encarado por aqueles que ocupam posições de decisão na sociedade. Cidadãos educados serão homens conscientes e que darão, de forma crítica e responsável, voz às suas reivindicações. Lutarão para que o mundo seja digno das pessoas que o habitam e tornar-se-ão sujeitos da história. É por isso que:

a educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida de roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por is-

so, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem – objeto ou educação para o homem – sujeito (Freire, 1980, p. 36).

O que propõe Freire é uma educação nova, uma educação transformadora e que rompa com os padrões estabelecidos. Quer uma educação capaz de libertar as mentes da ignorância e as vozes das exclusões ideológicas. Os homens conscientes serão capazes de refletir sobre o que acontece a sua volta e, assim, agir para não serem apenas figurantes de uma história contada e feita pelos que dominam, mas autores e agentes transformadores.

A educação, no entanto, “quando apreendida no plano das determinações e relações sociais e, portanto, ela mesma constituída e constituinte destas relações, apresenta-se historicamente como um campo da disputa hegemônica” (Frigotto, 2000, p. 25), logo não será libertadora, porque estará a serviço dos interesses da classe dominante e, a ela, quanto menos conhecimento tiver o homem, mais fácil será manipulá-lo, não podendo ele desenvolver uma consciência crítica e nem se apropriar das idéias e conceitos que uma ideologia dominante silencia.

Para que a educação tenha um novo horizonte, é necessário que o educador tenha consciência da situação e passe a agir de maneira inversa ao que o sistema exige, ou seja, ele não pode aceitar que “pela educação o educando aprende as relações sociais dominantes e adquire as informações que irão transformá-lo em uma peça a mais neste jogo de xadrez” (Alves, 1985, p.71). A educação precisa despertar a inquietude e a consciência crítica para que possa transformar a sociedade.

O professor de Língua Portuguesa, principalmente, tem um grande poder em suas mãos, porque, através dos textos que trabalha, pode fazer com que os alunos tenham um novo olhar diante do que lêem e passem a entender a linguagem não só como um instrumento de comunicação, mas também como meio de transformação social. A partir dos textos, os alunos poderão entender o jogo ideológico e o que a ideologia dominante quer que se aceite, pois eles refletem aquilo que ela impõe – a dominação. Na verdade, o que se almeja é que o aluno entenda não só o texto em si, aquilo que o autor disse, mas também o que ele não disse, os silenciamentos, porque é aí que a ideologia esconde a realidade e oprime, já que ela “desenvolve – se sobre uma lógica construída na base de lacunas, de omissões, de silêncios e de saltos. Uma

lógica montada para ocultar em vez de revelar, falsear em vez de esclarecer, esconder em vez de descobrir” (Cotrim, 1993, p. 57).

Então, a ideologia, através dos textos, busca seduzir as pessoas e faz com que elas se adaptem e se acomodem à sociedade, isso porque cada autor fala de um lugar social e emite juízos de valores. É por isso que Voese (2004) diz que:

o exercício do cotejo se mostra eficiente, particularmente por permitir entender os silenciamentos como condições que o autor tenta apagar para impedir a leitura do conflito social. Isto é: se a criança não tem acesso ao que se inscreve no texto como reflexo da realidade social, ela também não será capaz de atuar, como refração, sobre essa realidade.

Tomando, pois, os silenciamentos como tentativas de apagamento de vozes e de homogeneização de concepções diferentes do trabalho, eles podem ser considerados pistas de uma ação ideológica que procura garantir a aceitação de um determinado projeto de sociedade, em que lugares sociais consolidados são não só privilegiados mas também apresentados como a única forma de distribuição possível (2004, p. 127).

Nota-se, no texto em análise, uma forte tendência ao capitalismo. Busca-se muito mais o ter do que o ser e isso, segundo Antunes (2003 b, p.175), ocorre porque “o capitalismo contemporâneo, com a configuração que vem assumindo nas últimas décadas, acentuou sua lógica destrutiva”, mudando, também, o mundo do trabalho, os valores etc.

Foram destacadas algumas linhas ideológicas que atravessam o texto, não significando que sejam só essas, outras, ainda, poderão ser vistas e analisadas, até porque, conforme Bakhtin, nenhum texto é acabado, ele pode possibilitar muitas interpretações e muitos sentidos, da mesma forma que várias idéias podem ser silenciadas para se evitar o conflito social. Desse modo, poder-se-ia dizer que os silenciamentos dos não-ditos ocorrem porque:

- a) o autor e /ou professor concordam quanto à orientação ideológica;
- b) o professor não concorda com a linha ideológica do texto, entretanto desconhece uma metodologia que revele os efeitos dos não-ditos;
- c) o texto levanta apenas uma questão, mas silencia, diante da complexidade do problema, sobre o modo como encaminhar as transformações existenciais;
- d) o professor conhece a orientação ideológica e tem vontade de revelá-la, todavia está impossibilitado devido à posição que ocupa.

Assim, a análise do texto permite afirmar que o texto silencia muitas idéias, o que prejudica o desenvolvimento da consciência transformadora dos alunos.

Por isso, a atividade com textos destaca a importância de revelar os silenciamentos, pois, a partir da compreensão desse processo, podem ocorrer as mudanças que beneficiem a todos. Afirmar isso não significa dizer que não haverá mais ideologia e silenciamento, pois, como já se sabe, todo discurso é ideológico e, por isso, sempre silencia alguns sentidos. Entretanto, ao saber sobre os silenciamentos que necessariamente ocorrem, pode-se ter uma postura menos alienante e, desse modo, entender que o discurso é fundamental para que as pessoas possam reconhecer o mundo e a si mesmas, pois, segundo Bakhtin, “é através da linguagem que elas se tornam conscientes e começam a agir sobre o mundo, com e contra os outros” (apud Stam, 1992, p. 32).

Nas aulas de Língua Portuguesa, portanto, não se pode fazer como se os silenciamentos não ocorressem, pois, omitindo-os, o ensino estará contribuindo para que a ideologia dominante se perpetue. E essa não deve ser a postura de uma escola que diz querer formar cidadãos críticos e capazes de refletir sobre o seu mundo. A postura do educador deve ser transformadora, fazendo com que os educandos vejam não só o que está dito, mas o que a ideologia faz questão de esconder. A educação não pode ser encarada só como aquela que prepara para o mercado de trabalho, pois, conforme Voese, dessa forma, “a escola (...) exime-se de questões que se referem ao desenvolvimento do homem como ser social, o que, evidentemente, nada tem a ver com educação libertadora, mas com o atendimento de algo muito vagamente justificado como “vontade” ou leis do mercado” (2003, p. 28).

Propõe-se, pois, uma educação que, segundo Chalita (2001), seja capaz de fazer o homem aprender a aprender e que tenha capacidade de entender e, principalmente, intervir no mundo em que vive. Para que essa educação inovadora possa se tornar realidade, a escola não pode mais ser apenas transmissora de conteúdos, pois isso só serve para que os sentidos de um texto, por exemplo, sejam reproduzidos e, conseqüentemente, muitos outros silenciados. Zozzoli (2002) propõe um trabalho que leve em conta uma resposta ativa do aluno, ou seja, uma atividade que “tem como base a idéia de não apenas denunciar o *consumo-receptáculo* (...), mas observar, nos textos produzidos, indícios do que denomino *produção responsiva ativa*, conceito formulado a partir da noção de *compreensão responsiva ativa de Bakhtin*” (p. 18). Essa é, pois, uma proposta que merece ser considerada, ou seja, no contato com o texto o aluno precisa levar em conta também o não dito e, diante dele, ter uma resposta, uma postura

dialógica e, acima de tudo, crítica. A partir do momento em que o professor levar os alunos a perceberem o que está silenciado nos textos, com certeza, estes deixarão de perpetuar a ideologia e, conseqüentemente, não serão mais indivíduos passivos e meros reprodutores, mas, sobretudo, sujeitos com autonomia e capazes de uma *produção responsiva ativa*, ou seja, “seria, portanto, a continuidade dessa atitude que se inicia na compreensão e se desenvolve para além de um novo texto produzido, considerado, dessa forma, não como produto, mas como parte de um processo que se estabelece na interação verbal e não verbal e que não se conclui na materialidade dos textos” (Zozzoli, 2002, p. 20-21). Para que o aluno possa ter esse olhar, certamente, o papel do professor é decisivo, especialmente considerando que não basta só o educador querer mostrar ao educando a importância de uma análise crítica do texto, porque este também precisa compreender e querer participar do processo, pois, conforme Freire, “o homem deve ser sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém” (1991, p. 28).

Se a educação não conseguir desempenhar seu papel, certamente, ter-se-ão indivíduos com mentes fechadas e que não são capazes de perceber o mundo a sua volta. Então, para que a educação possa cumprir sua função, é necessário mais comprometimento político, pois, segundo Freire (1991), a educação é sempre um ato político. A falta de uma política educacional séria e comprometida gera “insegurança na condução da prática pedagógica e a presença de concepções e práticas ingênuas e ou equivocadas” (Cavalcante, 2002, p. 86) e, em razão disso, pessoas assujeitadas ao sistema que aí se instala. É importante dizer que a educação é um direito de todos, porém,

o que se oferece à maioria da população é uma rede escolar precária em todos os sentidos, e mesmo com escolas funcionando com oito períodos diários (...) não chega a atender todas as crianças em idade escolar. (...) O crônico problema do analfabetismo no Brasil continua insolúvel, como atesta Luiz Araujo Filho, assessor do MEC: “Trinta milhões de brasileiros são analfabetos funcionais, isto é, embora sabendo desenhar o nome e decifrar algumas palavras, não compreendem o que lêem e vinte milhões são analfabetos absolutos, que não sabem sequer assinar o nome” (BUFFA, 2001, p. 29).

Entretanto, embora a situação não seja simples, afirma-se que se o homem é capaz de reproduzir a sociedade, também pode mudá-la. Então, os textos ocupam um lugar importante quando não são apenas decodificados, mas parte de uma

prática de produção de sentidos, historicamente determinada, um processo de desvelamento, confronto, construção/ desconstrução de sentidos por um sujeito determinado, que, inscrito em determinada condição sócio-histórica, diante de uma materialidade discursiva, identificando-se ou não com o sujeito/ enunciante, com ele estabelece uma interlocução – ratificando, refutando, re-significando os sentidos aí existentes (CAVALCANTE, 2002, p. 91).

O sonho deve fazer parte do homem, por isso, acredita-se num indivíduo indagador e inquieto, que busque a liberdade e a autonomia para agir. Almeja-se, também, uma escola que rompa com o discurso autoritário e que seja capaz de ajudar na formação desse novo homem consciente. Que ela entenda que o processo educativo tem de ser dialógico e que quanto mais o educando interagir, mais enriquecida será sua consciência e, conseqüentemente, mais crítica, pois “quanto mais forte, mais bem organizada e diferente for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior” (Bakhtin, 1997, p. 115). Dessa forma, a escola precisa romper com essa pedagogia que

ao invés de desenvolver e libertar, desmerece a inteligência dos alunos ao negar-lhes as oportunidades e os meios para se constituírem como sujeitos. Uma mudança de situação inclui, evidentemente, consciências e mentalidades abertas e exige uma correta apropriação do problema e construção de condições de transformação de modo que haja disposição para conviver com diferenças e para cultivar relações dialógicas (VOESE, 2003, p. 29).

Através da análise que se fez, percebe-se quão rico pode ser um texto para despertar uma consciência relativamente autônoma se o professor souber conduzir o processo educativo. Da mesma forma, pode ser, também, extremamente destruidor da criticidade, pois ele é ideológico e, conforme Freire (1997, p. 142):

o poder da ideologia me faz pensar nessas manhãs orvalhadas de nevoeiro em que mal vemos o perfil dos ciprestes como sombras que parecem muito mais manchas das sombras mesmas. Sabemos que há algo metido na penumbra mas não o divisamos bem. A própria “miopia” que nos acomete dificulta a percepção mais clara, mais nítida da sombra. Mais séria ainda é a possibilidade que temos de docilmente aceitar que o que vemos e ouvimos é o que na verdade é, e não a verdade distorcida. A capacidade de penumbrar a realidade, de nos “miopizar”, de nos ensurdecer que a ideologia faz, por exemplo, a muitos de nós, aceitar docilmente o discurso cinicamente fatalista neo-liberal que proclama ser o desemprego no mundo uma desgraça do fim de século. Ou que os sonhos morreram e que o válido hoje é o “pragmatismo”

pedagógico, é o treino técnico-científico do educando e não sua formação de que já se fala.

Assim, se no trabalho com textos o educador conseguir revelar e fazer com que o educando perceba os silenciamentos aí presentes, efetivamente, contribuirá para a formação de um homem com uma visão alicerçada na criticidade.

Vale a pena lutar contra os obstáculos que, muitas vezes, a educação enfrenta e, acima de tudo, sonhar com um futuro melhor, próximo ou longínquo, pois “se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas” (Freire, 1997, p. 163).

NOTAS

- ¹ Neste artigo, faz-se a análise do texto “O operário em construção”, havendo outras na dissertação de mestrado “Silenciamento de Sentidos: o trabalho em (dis)curso”, defendida na UNISUL sob orientação do Prof. Ingo Voese, em 08.07.2005.
- ² Professora da Universidade do Sul de Santa Catarina. Mestra em Ciências da Linguagem pela UNISUL.
- ³ Dados históricos nos atestam que essa data pode ser justificada pelo “*Diretório dos Índios*, documento com o qual o Marquês de Pombal pretendeu legislar sobre a vida dos índios - primeiro só da Amazônia, depois de todo o Brasil - no período subsequente à expulsão dos Jesuítas. A intenção expressa, de ‘civilizar’ os índios, realiza-se através da imposição do português (...)” (Oliveira, 2000, p. 85). O documento ia contra a *língua geral*, o *tupi* ou *nheengatu*, desse modo, os índios e outros imigrantes eram obrigados a abandonar sua língua e adotar a língua oficial: português.
- ⁴ O poema está, obviamente, incompleto no livro didático analisado, o que prejudica ainda mais uma atividade problematizadora com o texto.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 16. ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BUFFA, Ester, ARROYO, Miguel, NOSELLA, Paolo. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. A leitura na escola: concepções e prática. *Ler e produzir: discurso, texto e formação do sujeito leitor/ produtor*, Maceió, EDUFAL, 2002.

CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Editora Gente, 2001.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia: ser, saber e fazer*. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

DOWBOR, Ladislau. *O que acontece com o trabalho?* São Paulo: Senac, 2002.

DUARTE, Newton. *A individualidade para-si*. Campinas, São Paulo: Editora Autores Associados, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. 7. ed. São Paulo: UNESP, 1997.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NEGRINHO, Maria Aparecida. *Aulas de Redação*. Vol. IV. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. In: SILVA, Fábio Lopes & MOURA, Heronildes Maurílio de Melo (orgs.). *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e Desporto. *Proposta Curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio*. Florianópolis, COGEN, 1998.

STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 1992.

VOESE, Ingo. Considerações sobre o ensino de Língua Portuguesa à luz de uma teoria do discurso. *Linhas*, Florianópolis, v. 4, n. 01, p.25-46, jan. / jun. 2003.

_____. *Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Sobre as noções de língua e discurso*. Tubarão: Unisul, 2004, mimeo.

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. Compreensão e produção responsivas ativas: indícios nas produções dos alunos. *Ler e produzir: discurso, texto e formação do sujeito leitor/ produtor*, Maceió, EDUFAL, 2002.